Revista de História e Estudos Culturais
Abril/ Maio/ Junho de 2008 Vol. 5 Ano V nº 2
www.revistafenix.pro.br ISSN 1807-6971

REVISTA USP #76; DOSSIÊ PENSANDO O FUTURO: CIÊNCIAS EXATAS

Renan Fernandes*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
renanfernandes2003@yahoo.com.br

Recentemente foi lançada a edição de número 76 da **Revista USP,** cujo dossiê traz à tona uma questão cada vez mais posta em voga atualmente: a tecnologia. Sob o título de **Pensando o Futuro: Ciências Exatas**, a coletânea de textos nos apresenta uma série de indagações que fazem parte do cotidiano de forma direta, observável, ou mesmo de maneira velada, mas que correspondem a grandes avanços nos diversos setores da sociedade que, mesmo sem perceber, desfruta das soluções que estes campos de pesquisa trazem como resultado ao longo de anos de trabalho. Para além do dossiê, há uma série de artigos que versam sobre assuntos relacionados à área das ciências humanas, debruçando-se sobre a pesquisa em teledramaturgia, literatura, teatro e as suas formas de interação com o meio no qual estão inseridas. Estas relações se estabelecem quer seja pela interação entre o leitor e a obra, pela educação, ou mesmo nos usos de dicionários, muitas vezes encarados mediante forte estigma, dando-lhe um status conturbado, pois a palavra "dicionário" sempre remete ao mais famoso e conhecido, ligado ao estudo de línguas.

Todavia, todas estas discussões são localizáveis em um espaço e no tempo, o qual chamamos de "Século XXI". Há vinte ou trinta anos atrás, essa expressão alimentava a imaginação da sociedade e impelia a um pensamento de profundas transformações nas vidas das pessoas: carros voadores, como os representados no desenho infantil **Os Jetsons**, os andróides com consciência própria de **Blade Runner**, mecanismos de teletransporte vistos em **Jornada nas Estrelas**, isso sem contarmos as

* Graduando do curso de História pela Universidade Federal de Uberlândia, sob orientação da Prof.ª Dr.ª Rosangela Patriota Ramos. Integrante do Núcleo de Estudos em História Social da Arte e da Cultura (NEHAC).

inúmeras estórias retratadas em contos como os de H. G. Wells. Porém, desde a virada do ano de 1999, poucas destas exacerbadas mudanças previstas para o futuro foram observadas. E ainda: problemas do "século passado" persistem atualmente. O dilema dos combustíveis, os embargos econômicos, a necessidade de soluções cada vez mais rápidas para impasses da tecnologia da comunicação e as crescentes descobertas da física, pouco a pouco, invadiram sutilmente nosso cotidiano e deixam cada vez mais sua marca entre nós. O que haveria, então, acontecido com esse ideal de futuro?

Radu S. Jasinschi, engenheiro e pesquisador da Philips Research nos Países Baixos, discute tais indagações em seu artigo "Sobre o Futuro da Tecnologia". A partir dos conceitos de "futuro" e "tecnologia", o autor estabelece – marcado por uma forte perspectiva heideggueriana – a distinção entre a chamada "tecnologia tradicional" e "tecnologia moderna". Segundo Jasinschi, o futuro que paira sobre o imaginário coletivo não passa de ficção, criada a partir de nossas experiências e imaginação. Partindo dessas observações, podemos estabelecer alguns pontos plausíveis que poderão se tornar concretos posteriormente, mas mediante certas ressalvas:

> Existe uma diferença básica entre o futuro próximo, a saber, "em alguns meses ou anos", e o futuro remoto, como "nos séculos vindouros". Num futuro próximo é possível prever como um certo tipo de tecnologia, ou estado das coisas, evolve levando-se em conta que um certo número de condições são satisfeitas. Por exemplo, o desenvolvimento da tecnologia de comunicação pessoal, tal como o telefone móvel, nos próximos meses ou anos vai tomar a forma de integração de várias tecnologias em um único sistema. O sucesso da previsão desse tipo de tecnologia depende do fato de que estas condições não sejam alteradas. Prever o futuro de uma tecnologia, apesar de parecer uma tarefa simples, é na verdade uma tarefa difícil.[1]

Diante de certo número de informações, é possível prever o futuro de uma tecnologia, mas de um "futuro" como um todo, algo que acontecerá plenamente em vários níveis e setores da sociedade, isto é impossível. Previsões tecnológicas com um grau maior de acerto se constituem de um certo número de informações que se baseiam em elementos que podem ou não se desenvolver e tornar-se pertinentes para o uso, e a forma como essas partes combinadas serão utilizadas podem fornecer pistas sobre os avanços tecnológicos dos próximos anos. Nesta perspectiva, Jasinschi explora as possibilidades do que poderá ser conhecido no futuro pelas pessoas, seja no campo da medicina, da informação, comunicação, passando também pela robótica, indústria de

[1] JASINSCHI, Radu S. Sobre o Futuro da Tecnologia. **Revista USP**, São Paulo, p. 8, 2007-2008.

alimentos, sem deixar de lado usos mais fugazes, como a diversão e o entretenimento.

Já no texto "Progresso Técnico e Economia" de Ana Célia Castro e Fernando J. C. de Carvalho discute-se como os recentes e infreáveis avanços técnicos correspondem em alterações dentro da economia. Para tanto, os autores resgatam o conceito de "progresso técnico" e a maneira pela qual estudiosos como austríaco Joseph Schumpeter[2] e Nathan Rosemberg,[3] direta ou indiretamente, usam este termo para estabelecer uma relação entre tecnologia e as interferências nos meios de produção e os seus efeitos dentro das empresas. O progresso técnico seria um fator de produção e se submeteria, então, à mesma lógica que rege qualquer um dos inúmeros fatores de produtividade. Mas, por outro lado, reconhecer essas especificidades não significa apenas enxergar a necessidade da determinação dos diversos incentivos que podem ser eficazes na introdução de novas tecnologias. É preciso também salientar que se faz pertinente o investimento adequado às firmas que promovem a difusão desses novos horizontes de pesquisa.

Partindo de outro viés, não menos importante, Antonio Teixeira e Silva investiga as possibilidades do uso da energia nuclear como fonte de energia passível de emprego nos nossos dias. No texto "O futuro da Energia Nuclear" o autor coloca em discussão o problema de fontes de energia esgotáveis, como por exemplo o petróleo, combustível fóssil mais largamente utilizado atualmente, e como a energia gerada a partir de processos de fissão atômica podem resguardar a sociedade dos empecilhos que a falta de combustíveis fósseis poderão causar no futuro. Longe da visão popularmente aceita segundo a qual este tipo de tecnologia oferece altos riscos para a sociedade, o autor salienta que

> A energia nuclear é uma tecnologia madura, com mais de meio século de experiência operacional. Nos últimos vinte anos, melhorias significativas foram introduzidas na confiabilidade das usinas nucleares, assim como na redução dos seus custos operacionais e no aumento da segurança. Muitos países, industrializados e em desenvolvimento acreditam que um aumento na utilização da energia nuclear será atingido caso se tenha um suprimento confiável.[4]

A solução do problema ligado à energia poderia ser resolvido de forma

---

2 SCHUMPETER, Joseph. **Capitalism, Socialism and Democracy.** Londres: George Allen and Unwim, 1976.

3 ROSEMBERG, Nathan. **Perspectives on Technology.** Cambridge: Cambridge University Press, 1976.

4 SILVA, Antonio Teixeira e. O Futuro da energia nuclear. **Revista USP**, São Paulo, p. 37, 2007-2008.

sustentável pela utilização de outras alternativas na obtenção de energia. Para Antonio Teixeira, a opção pela energia nuclear deve ser mantida, pois ela se configura como uma proposta que, além de estar se tornando cada vez mais segura, não compromete o meio ambiente, no que diz respeito principalmente à emissão de gases poluentes na atmosfera. Ademais, nos próximos anos o que se verá será a consolidação destas matrizes energéticas em um panorama mundial.

Em "A Engenharia E Os Engenheiros", de autoria de José Roberto Cardoso, é traçado um panorama do novo perfil das instituições de ensino e dos próprios alunos que optam pelo ramo da engenharia. Impulsionada na década de 1970, devido à propaganda do "milagre econômico" ocorrido no Brasil, e conseqüente, promessa de modernização de diversos setores, os ramos relacionados à engenharia viram a oportunidade de se estabelecerem e firmarem seus negócios, gerando um aquecimento não só no mercado, mas também na procura pelos cursos ligados a esse meio. Porém, ao adentrarmos no século XX, e posteriormente no XXI, há uma significativa diminuição pela procura destes cursos, ao passo que os países desenvolvidos destinavam cada vez mais recursos para essas áreas do conhecimento. Além destas proposições, o autor detalha as condições nas quais se deparara a mulher ao optar por essa carreira, pois muitas vezes o sexo feminino é minoria dentro deste plano de atuação, fruto de uma herança cultural que ressalta a afirmativa que o ramo de engenharia destina-se somente a homens. Por fim, o autor ressalta que o Brasil não conseguiu arregimentar um plano nacional de desenvolvimento viável, o que definitivamente compromete o futuro da tecnologia no país.

Por sua vez, João Antonio Ruffo apresenta para os leitores uma "[...] linha evolutiva, a longo prazo, um sentido possível da mudança econômico-social de possíveis cenários futuros [...]".[5] O texto "A universidade, a infomacroeconomia e a infossociedade" é o desdobramento de conversas informais entre tecnólogos-científicos, a respeito de opiniões, teorias e preconceitos que marcaram o século XX. Desta forma, os cenários futuros descritos pelo grupo de cientistas são pautados pela evolução das tecnologias de informação, em uma sociedade que cada vez mais se vê frente a uma dependência das inteligências artificiais no cotidiano. Para Ruffo,

> Muitos desses equipamentos possuem o perfil psicológico de seus

[5] RUFFO, João Roberto. A universidade, a infomacroeconomia e a infossociedade. **Revista USP**, São Paulo, p. 53, 2007-2008.

> donos, sendo capazes de substituí-los em eventos triviais, bem como gerar em tempo real suas imagens, na forma de seus avatares. Nesses cenários, admitimos também a comunicação direta cérebro-máquina para os próximos trinta anos.[6]

Nestes termos, uma das prováveis evoluções que poderão ocorrer nos próximos anos seria a comunicação direta entre o cérebro e as máquinas, tecnologia que tem conquistado resultados espantosos em suas pesquisas nos últimos anos. Ainda são explorados ao longo do texto temas que se relacionam às novas concepções dos avanços no panorama tecnológico, e suas implicações no campo da economia, e vice versa.

Posteriormente, João Valdir Camasseto e Alcino Aparecido dos Santos exploram o universo da química fina e as suas pertinências nas relações sociais do cotidiano. Para isso, os autores no artigo "Química fina: sua origem e importância" dissertam a respeito da utilização deste setor da tecnologia em assuntos que vão dos usos na medicina até à matemática. Demonstrando como a própria noção de que o domínio da química era fator decisivo ao lado de poderio militar em países como a Alemanha, até chegarem à discussão do tema no Brasil, Camasseto e Alcino Aparecido tratam de forma elaborada as dimensões que este assunto toma na sociedade, salientando por fim a importância da interação entre universidade e empresa, para o desenvolvimento de pesquisas que, sem dúvida, no futuro virão a contribuir com o aprimoramento de soluções para diversos problemas encontrados hoje em dia no país.

Em "Nanociência: a próxima grande idéia", Edison Z. da Silva explora o universo da nanotecnologia e as contribuições que este ramo de pesquisa vêm tornando realidade nos últimos anos. De maneiras variadas, essas tecnologias ocupam cada dia mais espaço entre as atividades cotidianas. A pequeno e médio prazo, os usos da nanociência permitem novas maneiras de se fazerem as coisas sob uma utilização cada vez menor de materiais, e com o passar dos anos sob um custo ainda menor, sem descartar a funcionalidade cada vez mais inerente a esses produtos.

À semelhança do artigo anterior, "Mecânica quântica, ciência básica e geração de riqueza", de Antônio José Roque da Silva disserta sobre os caminhos que a tecnologia no âmbito da mecânica quântica percorreu nos últimos anos, gerando avanços em áreas como a medicina e comunicação. Para o autor,

> O futuro das aplicações da mecânica quântica em alta tecnologia é

[6] RUFFO, João Roberto. A universidade, a infomacroeconomia e a infossociedade. **Revista USP**, São Paulo, p. 53, 2007-2008.

> altamente promissor. As áreas de nanociência e nanotecnologia estão produzindo materiais e dispositivos que existem em uma escala de tamanho em que efeitos quânticos dominam. A engenharia nessa escala dependerá de um profundo conhecimento da mecânica quântica, e os cursos de engenharia terão de se adaptar. Talvez uma das maiores revoluções tecnológicas que estão por vir, e que está diretamente ligada aos princípios básicos da mecânica quântica, será a forma como fazemos processamentos de informação.[7]

A mecânica quântica, enquanto teoria capaz de descrever o comportamento de partículas em nível atômico, abarca todos os processos de conhecimento tecnológico. Sendo dessa forma, o seu estudo permite que várias áreas sejam auxiliadas por suas descobertas. Em um nível prático, o conhecimento cada vez maior sobre as movimentações de partículas elementares sugere que, em um curto período de tempo, com o aprofundamento cada vez maior, grandes segmentações sociais desfrutarão dessas descobertas, e consequentemente o dinheiro investido crescerá nas mesmas proporções, pois estas novas tecnologias se converteram em pouco tempo na base do que se conhece sobre tecnologia atualmente.

Fechando o dossiê e ainda mergulhado no assunto que envolve a física e suas ramificações, David Gross, Prêmio Nobel de Física de 2004, discute em "O futuro da física" tais questionamentos do futuro das ciências exatas. Ao longo de 25 questões elaboradas em congressos, o autor esmiúça vários pontos das pesquisas em física, e versa sobre assuntos que encontram validades não somente em um âmbito acadêmico, mas em diretrizes que se mostram presentes na sociedade como um todo. São trabalhados ao longo do texto assuntos como a criação do universo (e por conseqüência a teoria do *Big Bang*), a teoria da relatividade, a física de partículas, a mecânica quântica, a teoria das cordas, dentre outras. De maneira sucinta e bem elaborada, o físico percorre embates que deixaram de interessar somente a um pequeno e seleto grupo de pesquisadores, e passaram a pertencer também ao universo das pessoas comuns.

Gross ainda examina atenciosamente a introdução da física em ciências que até certo tempo ficavam fora das abrangências mais tradicionais desta área de pesquisa. Temáticas ligadas à biologia, ao genoma humano, à neurociência são consagrados como de grande interesse para esses pesquisadores, voltados cada vez mais para a tarefa de

---

[7] SILVA, Antônio José Roque da. Mecânica quântica, ciência básica e geração de riqueza. **Revista USP**, São Paulo, p. 95, 2007-2008.

desvendar todos os segredos da vida humana. Por fim, o autor esboça o perigo que ronda a física moderna. Longe de previsões catastróficas, o artigo revela a dificuldade de financiamentos para a formalização das pesquisas, cada vez mais caras para serem postas em prática, e salienta que alguns desses projetos deveriam ser pensados agora, e não daqui a 25 anos, quando já seria tarde demais para levantar alguns dos questionamentos que pairam sobre o mundo da física.

Na sessão de textos a diversidade de assuntos concilia as novas perspectivas que as ciências humanas vêm apreendendo ao longo dos tempos, e que não deixam de fora aos novos rumos que a sociedade toma para si. Fica claro que as tecnologias se embrenham em todos os aspectos sociais e que constantemente há um esforço em se pensar a humanidade dentro de novos paradigmas. Hans Ulrich Gumbrecht e Robert Pogue Harrison examinam cuidadosamente este viés no texto "Convergência Paradoxal". Em uma espécie de manifesto sobre as novas tendências em pesquisas nas diversas áreas do conhecimento, os autores esboçam como áreas distintas do conhecimento estão em um estreitamento cada vez maior de seus laços, e as afinidades que vão surgindo ao longo do caminho remetem a uma denominação instigante e desafiadora: a convergência – por mais que o termo pareça paradoxal – dos saberes produzidos pelo homem. Nestes termos, um dos mecanismos atuais que conseguem abarcar essa convergência seria a já tão conhecida *world wide web* (e por conseguinte a internet) que delimitaram em um mesmo espaço de atuação diferentes áreas de pesquisa e conhecimento. Para além de um espaço comum, a necessidade de interligação dos saberes demonstra uma nova necessidade que surge a cada dia para as pessoas envolvidas em estudos, e o reconhecimento de uma interligação entre setores aparentemente distintos, mas que encontram afinidades em sua rede de interconexões, auxiliando mutuamente nos debates postos na contemporaneidade.

Por sua vez, J. Guinsburg, professor de Teoria do Teatro da ECA-SP (Escola de Comunicação e Artes), reflete em dois diálogos sobre as novas perspectivas que assume o teatro no cenário contemporâneo. Oriundos de transcrições das aulas ministradas por Guinsburg no curso de Estética Teatral e Teoria do Teatro no Departamento de Artes Cênicas da ECA, a revisão bem como estruturação do material agora publicado contou com a preciosa colaboração da professora Rosangela Patriota para a estruturação dos textos transcritos para a revista. Deste trabalho conjunto entre a professora Rosangela e Guinsburg, posteriormente será lançado um livro, em que

constarão as reflexões, registros e preleções de Guinsburg com seus alunos em sala de aula e que, certamente, consistirá em uma rica fonte de informações para aqueles que se interessam pelo assunto ligado ao debate entre Arte e Sociedade.

No primeiro diálogo, intitulado "A contemporaneidade da cena teatral" Guinsburg discorre acerca das novas fronteiras em que o fazer teatral se encontra atualmente. Desconstruindo a noção de que o fazer teatral enquanto manifestação artística está morto, Ginzburg elabora uma concisa reflexão sobre o teatro enquanto estrutura de expressão social e que, como as demais artes, concentra em sua existência as particularidades de seu momento de produção. Além disso, são exploradas as formas pelas quais historicamente a própria idéia de teatro encontra ao longo dos anos sua formalização enquanto conceito, e,

> [...] em outros termos, como determinadas concepções de teatros são confrontadas por novas pesquisas criativas, decorrentes de indagações surgidas no momento vivido, e como o fruto desses movimentos [...] constrói relações com a tradição artística herdada e socialmente consagrada.[8]

Partindo da indagação de um de seus alunos sobre o elemento teatral a ser utilizado, e o que realmente se configuraria atualmente como teatro, Guinsburg afirma que

www.revistafenix.pro.br

> Com freqüência deparamo-nos no cotidiano com uma atitude, um incidente, uma situação que consideramos teatral, embora não resultem de ações deliberadamente concebidas com o fim de exteriorizar e comunicar uma representação artística dessa natureza. Por que então nos pareceram assim? Sem dúvida porque, ao captá-los, tivemos a sensação de que algo recebera um realce, um acento, uma expressão artificiais, exagerados ou miméticos. Esse deslocamento em relação ao que se nos afiguraria natural ou normal é lido como efeito procurado. Mas é evidente que essas manifestações não podem ser entendidas como produtos de arte do teatro. Falta-lhes a efetiva intenção de realizá-las e transmiti-las como tais.[9]

Porém, diante deste fato, mesmo nessas expressões não caracterizadas como teatro, ainda é possível reconhecer traços de como a atividade teatral é inerente ao homem, embora não condicionada a um ato intencional, voltado para a ação dramática. Assim, toda atividade teatral depende exclusivamente do caráter humano para sua construção, ou seja, a relação do homem com a sua forma de se expressar diante do

---

[8] GISNBURG, Jacó. A contemporaneidade da cena teatral. **Revista USP,** São Paulo, p. 120, 2007-2008.

[9] Ibid., p. 121.

mundo determina, em cada época, as maneiras pelas quais a expressão artística se constitui em suas mais variadas formas e contextos, sob o signo inclusive da contemporaneidade. Nesse caminho, o diálogo com as novas tecnológicas como a televisão e o cinema se configuram como artifícios válidos na composição teatral, não devendo ser descartado em sua abordagem; portanto, o teatro contempla em si as inovações advindas de seu tempo, deixando de lado a concepção retrógrada do fazer artístico ultrapassado e limitado em alguns poucos aspectos cênicos. O teatro é, pois, uma constante re-significação e reflexão da sua prática.

No segundo diálogo, Guinsburg comenta sobre as características encontradas no envolvimento entre o ator, o texto e a cena. Em "Ator, texto e cena: aspectos de uma relação dramática" o professor discute as particularidades existentes entre o trabalho do ator, a sua relação com o público e com a própria obra de arte, o que resulta em muitos casos em uma relação dialética entre o texto e a sua encenação, do qual a resultante é a singularidade de cada montagem. Evidentemente, esses pontos relacionam-se com o trabalho de Stanislávsky (método de preparação de ator), ponto crucial do fazer teatral contemporâneo. Lidando com questões ligadas à *ação dramática* e ao chamado *subtexto*, Guinsburg põe em debate os elementos que compõem a estética teatral: o diretor, o ator, tanto quanto o autor da peça fornecem elementos que, somados, dão a tônica necessária para a montagem do espetáculo, em suas apropriações e redefinições:

> Ao ler uma peça, a gente projeta elementos, figuras, ambientes, situações e peripécias na imaginação. De acordo com a capacidade imaginativa, uma pessoa pode até representar cenas inteiras, ou dar prosseguimento a determinada ação dentro de si [...] Já na tradução de um conjunto de palavras dispostas num espaço, que antes era do papel, com vistas a uma *concretização audiovisual*, requer uma espécie de signo. Em muitos casos, os significados do texto escrito e encenado podem até ser idênticos, mas o estabelecimento de uma constelação de signos concretamente materializados faz com que se tenha um outro tipo de linguagem que, embora pertença ao mesmo código, possui uma sintaxe específica por não estar colocado no mesmo meio que a outra. Daí a exigência de uma *tradução*, que é uma *criação*, na medida em que o texto sempre propõe possibilidades *interpretativas.*[10]

Ainda imerso nessas discussões, Guinsburg atribui significado ao trabalho do dramaturgo enquanto elemento criador e orientador na elaboração dos espetáculos. Munido de exemplos como o de Shakespeare, Molière e Racine apresenta a noção de

[10] GISNBURG, Jacó. Ator, texto e cena: aspectos de uma relação dramática. **Revista USP,** São Paulo, p. 127, 2007-2008.

que a composição de um texto dramático depende da projeção que é estabelecida pelo dramaturgo quando pensa na estrutura textual de sua obra. Assim, o texto não se configuraria como uma espécie de *ficção encenada* mas, sim, *encenante*.[11] Sem dúvida, os dois diálogos agora apresentados ao público constituem uma importante fonte para aqueles que se interessam pelas temáticas ligadas ao teatro não apenas como fonte de entretenimento, mas também como objeto de pesquisa, em um momento em que a própria cena teatral se vê em constantes revisões.

Em "Guimarães Rosa e os astros (com reflexões em Machado de Assis)", Élide Valarini Oliver, professora do Departamento de Espanhol e Português da Universidade da Califórnia (EUA), propõe uma reflexão concisa e, ao mesmo tempo, provocativa de algumas obras de Guimarães Rosa. Do processo interpretativo ligado à hermenêutica aos mecanismos de criação observados no autor, Valarine expõe as singularidades de um escritor que deixa em seu texto lacunas intencionais, jogos interpretativos que exprimem a genialidade de um dos maiores literatos que já existiu. Entre o texto e o contexto, a produção consciente e os processos de elaboração em que só as capacidades cognitivas são capazes de nos dar alguma parca explicação, Guimarães Rosa experimenta, joga e brinca com as palavras, produz paradoxos e não os soluciona, busca interligações ora com Platão, ora com Protágoras, e a partir da aproximação com Machado de Assis e intermediada por Valarini, deixa à mostra a contemporaneidade das discussões em torno dos processos de criação e interpretação da literatura, sem deixar de lado uma leitura crítica e questionadora das obras dos escritores, em um movimento de análise preciso e magistralmente elaborado.

O texto de Denice Bárbara Catani, "O Lugar dos clássicos na escrita da educação: a metáfora das raízes", busca uma reflexão sobre os lugares que as questões relativas ao estudo dos clássicos, assim como a história da educação greco-romana, ocupam em nossos dias. Partindo da premissa que esses dois enfoques encontram cada vez menos espaço na formação educacional, Denice elabora uma série de questionamentos que se desdobra inclusive pela própria noção do que é comumente descrito como "clássico", e suas pertinências sobre a pedagogia e seu ensino na atualidade. Com efeito, essa abordagem resulta na ampliação de perspectivas que em um plano prático resulta em novos horizontes educacionais. Dessa maneira, não

[11] GISNBURG, Jacó. Ator, texto e cena: aspectos de uma relação dramática. **Revista USP,** São Paulo, p. 128, 2007-2008.

somente o que já se cristalizou enquanto "clássico" deve ser levado em consideração, mas também a idéia de que, ao educar, cada professor concentra em si a capacidade de eleger seus próprios clássicos indispensáveis, contribuindo para um crescimento cada vez maior da qualidade nos processos de ensino e aprendizagem.

Em "Gênero teledramatúrgico: entre a imposição e a criatividade", Maria Lourdes Motter e Maria Cristina Palma Mungioli discorrem sobre a teledramaturgia nacional e seu impacto na vida das pessoas. Segundo as autoras, a teledramaturgia muda seus aspectos e premissas ao longo dos anos, distanciando-se de uma proposta estabelecida no período militar (de cunho mais propagandístico), encontrando em outras prerrogativas as determinações para suas composições de enredo. Assim, trata-se de um "[...] gênero televisual orientado no sentido de proporcionar mais que emoção, proporcionar talvez uma outra perspectiva de enxergar a sociedade e as instituições brasileiras".[12] A respeito da maior emissora do Brasil, a Rede Globo, as autoras discutem as relações existentes entre a produção de programas – e notoriamente de telenovelas – e o consumidor final. Em que cada aspecto observado, percebe-se que ao longo dos anos a TV estabeleceu e legitimou uma idéia de brasilidade exposta no conteúdo de seus empreendimentos. Assim, ao tratar de temas pitorescos, de sutilezas e singularidades do país, de certa forma, segundo Maria Lourdes Cristina Palma, os gêneros teledramatúrgicos "[...] comportam, muitas vezes, boa dose de crítica social e, portanto, são orientadas ideologicamente por seus autores e diretores no sentido de permitir ao Brasil se reconhecer como nação",[13] demonstrando que mais do que o puro e simples entretenimento, a televisão promove doses diárias de questionamentos, e instiga o telespectador a reflexões com data e hora marcada, mesmo que sob a forma capitular.

Na seção destinada aos lançamentos de livros, duas boas surpresas aguardam o leitor. A primeira, apresentada por Celso Lafer, refere-se ao livro de Eduardo Jardim: "A duas Vozes – Hannah Arendt e Octavio Paz".[14] Tendo o privilégio de ter sido aluno dos dois autores/pensadores do título do livro, Lafer expõe com beleza e sensibilidade o conteúdo do texto de Eduardo Jardim. As aproximações pertinentes entre Arendt e Paz exprimem-se na capacidade reflexiva e aguçada que os dois autores tiveram em pensar o

---

12 MOTTER, Maria Lourdes; MUNGIOLI, Maria Cristina Palma. Gênero teledramatúrgico: entre a imposição e a criatividade. **Revista USP**, São Paulo, p. 165, 2007-2008.

13 Ibid., p. 165.

14 JARDIM, Eduardo. **A duas vozes – Hannah Arendt e Octavio Paz.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007. 128 p.

seu tempo. Professores da Universidade de Cornell (EUA) nos anos de 1965 e 1966, souberam como poucos elaborar as discussões da contemporaneidade. Debruçando-se sobre assuntos como política, história e filosofia, Eduardo Jardim evoca em seu livro debates que, sem dúvida, nas mãos e no pensamento de Arendt e Paz assimilam uma visão aguçada do mundo, das relações do homem, dos conturbados momentos de opressão, mas que encontram também brechas para conclamar os auspícios da literatura, e as questões que a cercam, seja pela questão estética ou pelo conteúdo ideológico. Como bem observa Celso Lafer, é um livro que qualquer um gostaria de ter escrito.

A segunda boa surpresa, e diga-se de passagem indispensável, é o texto de Rosangela Patriota: "Temas, formas e objetos da pesquisa e da prática teatral no Brasil: reflexões acerca do Dicionário do Teatro Brasileiro" que além de nos apresentar o "Dicionário do Teatro Brasileiro",[15] reflete criticamente sobre a pesquisa em teatro no Brasil e a importância que este livro desempenha entre pesquisadores da área, estudantes e mesmo os amantes desta arte milenar. Dissociando a imagem do dicionário como apenas ligado ao estudo de línguas, Patriota nos insere em uma discussão que, deixando de lado o estigma do "pai dos burros", abre as perspectivas para uma composição textual que é fruto de pesquisas que encontram suas bases em prerrogativas históricas. Ou seja, a relação que envolve o teatro e suas especificidades não poderia deixar de ser localizável ao longo do tempo, assim como a composição dos verbetes que integram o "Dicionário do Teatro Brasileiro", que carregam em seu seio as pesquisas realizadas incessantemente no país.

Belissimamente organizado por Jacó Ginsburg , João Roberto Faria e Mariângela Alves de Lima, o livro contém diversos autores importantes na pesquisa sobre o teatro no Brasil, e conta com nomes como os de Marta Morais da Costa, Carlos Eugênio de Moura, Edélcio Mostaço além da própria Rosangela Patriota que contribuíram na composição de seus verbetes. Patriota ainda ressalta que, para além do caráter pedagógico do dicionário, ele se constitui como uma obra aberta, sempre disposta a acrescentar em si novos termos, novas abordagens e significados relacionados à pesquisa e ao estudo no teatro brasileiro. Como bem observa Patriota:

> Sob esse aspecto, é necessário ressaltar: um dos grandes méritos desse *Dicionário de Teatro Brasileiro* é demonstrar, a partir de pesquisas consistentes e de referenciais teóricos sólidos, a capacidade dos

[15] GUINSBURG, J.; FARIA, João Roberto; LIMA, Mariângela Alves. (Coord.). **Dicionário do Teatro Brasileiro** – Temas, Formas e Conceitos. São Paulo: Perspectiva/Sesc-SP, 2006.

> profissionais brasileiros em internalizar conceitos e formas internacionais, articulá-los às suas demandas e, com isso, produzir concepções artísticas singulares para o teatro no Brasil. Por outro lado, as particularidades da cena teatral no país são delineadas, não só pelo registro estético, mas pela singularidade que acrescentaram ao panorama artístico e, desse ponto de vista, apenas um dicionário voltado para as questões específicas do Brasil poderia apreender.[16]

Indubitavelmente, a contribuição do "Dicionário do Teatro Brasileiro" é de uma infinita importância no cenário nacional. Ao lado do já consagrado "Dicionário de Teatro", de Patrice Pavis,[17] publicado no Brasil em 1999, a versão brasileira oferece ao público uma infinidade de possibilidades as quais, longe de generalizações, demonstram o enorme potencial que a pesquisa histórica relacionada ao teatro nacional encontra no meio acadêmico.

Por todo esse conjunto de textos, a edição 76 da Revista USP é indispensável.

www.revistafenix.pro.br

[16] PARTIOTA, Rosangela. Temas, formas e objetos da pesquisa e da prática teatral no Brasil: reflexões acerca do Dicionário do Teatro Brasileiro. **Revista USP**. São Paulo, p. 176-177, 2007-2008.

[17] PAVIS, Patrice. **Dicionário de Teatro.** São Paulo: Perspectiva, 2001.